

Somagrama

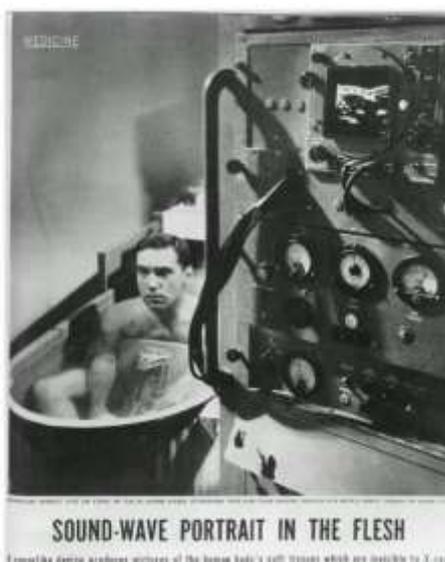
Raul Moraes Silva

SOMAGRAM (ENG)

Numa acepção mais ampla, o termo “Somagrama” pode ser definido como uma representação gráfica do corpo de determinado indivíduo, e tem sua origem na junção de duas palavras gregas: soma “σῶμα” e gramma “γράμμα”, que, respectivamente, significam “corpo” e “aquilo que se escreve, registra ou desenha”.

A evolução histórica do termo “Somagrama” pode ser dividida em três momentos e três perspectivas diferentes (KURIKKA e SIHVONEN, 2010), a saber: a perspectiva médica, a perspectiva psicológica e a perspectiva semiológica.

Na perspectiva médica apresentada por Rod Bliss and Douglass Howry em 1952, “somagramas” são imagens produzidas por um aparelho de ultrassom, utilizado na medicina diagnóstica, chamado somoscópio. Tal aparelho, por meio da emissão de ondas sonoras e o registro dos seus ecos, possibilita a criação de imagens bidimensionais de secções internas do paciente, facilitando diagnóstico (KURIKKA e SIHVONEN, 2010). Vale dizer que tais técnicas surgem nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra Mundial, em um contexto de investimento massivo em pesquisas laboratoriais sobre o ultrassom, as quais culminaram em avanços tecnológicos tanto na medicina diagnóstica, quanto na indústria bélica, por meio das tecnologias ultrassônicas de reconhecimento de veículos subaquáticos.



Fonte: Sound-wave portrait in the flesh. **LIFE Magazine**, Vol. 37, Nº 12, p. 71, 20 de Setembro, 1954.

A segunda perspectiva se refere ao trabalho do psicoterapeuta estadunidense Stanley Keleman (1931-2018), cuja pesquisa, inspirada nos trabalhos de Alexander Lowen (1910-2008), acontece entre as décadas de 50 e 70, em um contexto de alargamento dos campos de estudo da Psicologia, e da popularização da ideia de que enfermidades do corpo e da mente podem estar imbricadas. Partindo do pressuposto

que a estrutura corporal de um indivíduo se constitui como uma expressão de sua história pessoal e de sua maneira de se relacionar consigo mesmo e com o mundo, somado à habilidade que o cérebro tem em modificar as tensões musculares e os gestos emocionais, é que Keleman organiza o seu método de Terapia Somática, intitulado Psicologia Formativa (KELEMAN, 2007). Utilizado como ferramenta diagnóstica na primeira das cinco etapas constitutivas do método de Keleman, o “somagrama” é um desenho subjetivo e emocional da experiência corpórea do paciente. É um mapa descritivo desses estados tensionais da musculatura e das sensações experimentadas no interior do corpo.

Por fim, a terceira acepção do termo, de perspectiva semiológica, parte do mesmo pressuposto de mapeamento subjetivo de experiências corporais, mas toma diferentes contornos, extrapolando o contexto da clínica, e adentrando as searas da arte e da linguagem à luz da crítica pós-estruturalista. Assim, o uso contemporâneo do termo é permeado tanto pela ideia de “cartografia” como processo teórico-metodológico, cuja base está na filosofia de Deleuze e Guattari (2011), quanto ao conceito de “dispositivo” como ele é apresentado por Foucault (1977). E, por assim ser, “somagrama”, ou “cartografia corporal” passa a designar produções escritas, visuais ou sonoras, que pretendem, de maneira simbólica, comunicar determinados caracteres complexos, subjetivos, emocionais e fisiológicos da própria experiência corpórea daqueles que o produzem em relação aos dispositivos presentes em seus contextos históricos, sociais, culturais e identitários. É importante ressaltar também o caráter efêmero e momentâneo dessas representações, visto que os próprios estados emocionais e corpóreos do sujeito se transformam através do tempo. Sua utilização se dá principalmente em contextos educacionais, na crítica literária e em oficinas artísticas, e pode ser realizado junto a grupos ou individualmente, de forma ampla, ou elegendo-se um tema específico, cujos efeitos sobre os corpos deseja-se observar.

A fim de exemplificar a utilização dessa ferramenta, à luz da terceira perspectiva, é possível citar, no contexto da crítica literária, a obra de Stimpson (1985) “Os somagramas de Gertrude Stein”, na qual a autora analisa os poemas de Stein considerando-os representações das sensações corpóreas da escritora. Já no contexto artístico, destaca-se o trabalho de Castiel Vitorino Brasileiro (2019) que apresenta em sua série “Somagramas”, pinturas em aquarelas, nas quais aponta, simbolicamente, os diferentes estados corpóreos nos quais se encontrava enquanto produzia tais obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel; et al. Le jeu de Michel Foucault. **Dits et écrits**, v. 3, p. 298-329, 1977.

GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 128 p. São Paulo: Editora 34, 2011.

KELEMAN, Stanley. **Metodologia e a prática da Psicologia Formativa**. Caderno de Psicologia Formativa, Volume I, 1. Ed. Rio de Janeiro: Centro de Psicologia Formativa do Brasil, 2007.

KURIKKA, Kaisa; SIHVONEN, Jukka. **Body, the Scrivener: The Somagrammatical Alphabet of Deep**. Inflexions 4. Transversal Fields of Experience, 2010. 33-47. Disponível em: <https://www.inflexions.org/n4_Body-The-Scrivener-by-Kaisa-Kurikka-Jukka-Sihvonon.pdf>. Acesso em: 20/10/2021.

OUTRAS REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Série somagramas**. Vitória, 2019. 7 pinturas em aquarela 300g/m², Tamanhos variados. Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/aquarelas_somagrama>. Acesso em: 20/10/2021.

JÚNIOR, Nicolau Maluf. **Reich: o corpo e a clínica**. Summus Editorial, 2000.

KELEMAN, Stanley. **Corporificando a Experiência** - Construindo uma vida pessoal São Paulo, Summus, 1995.

KELEMAN, Stanley. **Anatomia emocional**. Grupo Editorial Summus, 1992.

STIMPSON, Catharine. **The Somagrams of Gertrude Stein**. Poetics Today, v. 6, n. 1/2, p. 67-80, 1985.